

A PERSPECTIVA DA INADAPTAÇÃO EM SAMUEL RAWET

Thays Freitas de Almeida Pena (UFF)¹

RESUMO: Samuel Rawet nasceu na Polônia e veio para o Brasil com apenas sete anos de idade, aqui se naturalizando. Surge no cenário literário brasileiro em 1956, com a coletânea *Contos do imigrante*. Já em sua obra inaugural, instaura um marco no conto nacional através de sua escrita sensível e cortante. Objetivo apresentar a perspectiva da inadaptação do estrangeiro no conto “O Profeta”, presente em sua obra de estreia. Entre os pressupostos teóricos, utilizo aqueles presentes em textos de Julia Kristeva, Edward Said, Stuart Hall, entre outros. O estudo realça a inadaptação do imigrante judeu no conto, de forma que Rawet extrapola o tema da imigração ao trazer a ideia do estrangeiro que habita em cada ser humano, eleva a reflexão para o estrangeiro e sua angústia ancestral, ultrapassando as fronteiras geográficas.

Palavras Chave: Estrangeiro; Identidade; Samuel Rawet.

RAWET: O ESCRITOR E A OBRA

Samuel Urys Rawet nasceu no dia 23 de julho de 1929, na pequena cidade polonesa, de Klimotow. Veio com a mãe e os irmãos para o Brasil com apenas sete anos de idade, aqui se naturalizando, em 1936. Com poucos recursos, instalaram-se na zona norte, no subúrbio do Rio de Janeiro, lugar que serviria de laboratório de experiências a serem recriadas em suas obras. Engenheiro e calculista, ajudou a construir o Monumento aos Pracinhas, no Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro, além de trabalhar com Oscar Niemeyer na construção de Brasília. Andarilho, ensaísta, engenheiro e sobretudo contista, Samuel Rawet faleceu solitário e desconhecido do público, em Sobradinho, cidade satélite de Brasília, em 25 de agosto de 1984.

Rawet era conhecido por ser arredio e desconfiado, “talvez por conhecer melhor – e se importar com isso – a hipocrisia humana, a baba na gravata do traidor” (BRASIL, 2008, p. 270). Toda a sua obra ficcional e ensaística é uma procura de identidade. Em entrevista, quando Danilo Gomes (1979, p. 168) pergunta como o autor se vê, como gosta de estar no mundo, Rawet responde:

Indefinição, incoerência, atitude anticartesiana. Espanto, como elemento positivo, não diante do absurdo, mas diante da boçalidade maciça e da estupidez, esteja onde estiver. Pavor de ideologias no

¹ Doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, Mestra em Letras pela Universidade Federal do Amazonas. E-mail: thaysfreitas@id.uff.br.

sentido restrito da palavra, pelo que contém de mistificação e alienação. Literariamente, profissional, isto é, amador por excelência, não vivo de literatura.

Em seus contos, ele retrata o problema de adaptação social e familiar. Sentia-se como seus personagens, um errante, sem família e sem pátria. Rawet ultrapassa o tema da imigração ao trazer a ideia do estrangeiro que habita em cada pessoa, a adaptação do homem a um mundo insano. Surge no cenário literário nacional em 1956, com a coletânea *Contos do imigrante*. Já em sua obra inaugural, instaura um marco no conto nacional através de sua escrita sensível e cortante. Elogiado pela originalidade de sua obra, Rawet rompe a estrutura do conto tradicional. De acordo com Assis Brasil (2008, p. 274), “o gênero nunca fora antes tão violentamente resolvido em sua estrutura”. *Contos do imigrante* foi a primeira obra a trazer a figura do imigrante à superfície, oferecendo-lhe o papel central da narrativa.

Em sua obra inaugural, Rawet emerge toda a experiência de personagens em conflito com um meio sempre estranho, mas retrata sobretudo os conflitos internos, os problemas de adaptação entre os próprios semelhantes. No texto da orelha da primeira edição de *Contos do imigrante*, Fausto Cunha (2008, p. 52) cogita o estranhamento que o leitor poderia ter ao se deparar com a prosa de Rawet por seu “estilo por vezes hermético, a linguagem sincopada, a trama aparentemente fugidia, a marcação teatral de várias cenas e episódios, a maneira indireta de indicar, e até sugerir, certos fatos”. Em Rawet, a ruptura inicia na linguagem. É impossível não sair um pouco, ou melhor, muito “chamuscado” pela prosa de Rawet.

Rawet era de origem *asquenaze*, parte da população judaica do Leste Europeu falante do ídiche. É importante salientar os fatos que compõem sua identidade: o autor escreveu em português, sua segunda língua, sendo o ídiche sua matriz linguística. Saul Kirschbaum (2000, p. 41-42) destaca que “o uso do ídiche era rejeitado pelos judeus assimilados. Considerado um idioma inculto, encontrava-se intensamente vinculado aos judeus da Europa Oriental, indivíduos caracterizados por um modo de vida mais arcaico, em torno de práticas religiosas”. Diante disso, conforme Stefania Chiarelli (2007, p. 32), é o que leva o autor a “transitar entre três identificações culturais: polonesa, judaica e brasileira”.

Em entrevista a Ronaldo Conde, Rawet (1971, p. 1) elucida a questão: “sou judeu, imigrante, vim menino para cá. Mas não sou uma figura arquetípica, genérico do judeu.

E sim a figura concreta de alguns judeus”. Buscava dissociar sua imagem do estereótipo judeu, correlato a sua relação tumultuada com seu passado cultural. Rosana Bines (2004, p. 211) salienta que “Rawet procurou sustentar em sua literatura um espaço liminar, “entre” culturas e línguas. Sem encontrar canais de mediação, escreveu sob o signo do embate e da dilaceração”. Utilizou sua escrita como forma de não se deixar aprisionar por qualquer tipo de rótulo, seja o “judeu”, o “estrangeiro”, ou o “hermético”.

A escrita rawetiana é aquela que suprime, contrapontística e articulada em discurso indireto livre – forma que melhor traduz as vozes narrativas que aparecem em sua prosa. Stefania Chiarelli (2007, p. 47) afirma que “comparece na escrita rawetiana a linguagem elíptica, marcada pelo entrecortamento do discurso e pela descontinuidade”. Há um entrecortamento de vozes, os fluxos de pensamento do protagonista se misturam constantemente a fala do narrador. A autora diz que “em *Contos do imigrante*, o autor funde o tempo presente com o tempo da memória, compondo, a partir de fragmentos, algo que se assemelha ao processo do relembrar” (CHIARELLI, 2007, p. 47). Muitas vezes o leitor tem a dúvida se é o próprio narrador falando ou se está citando o pensamento do protagonista.

Chiarelli (2007, p. 115) denomina a escrita de Rawet como linguagem-pedra, devido a secura e aspereza no modo de escrever do autor: “Em Rawet a linguagem assume feição árida, ensejando a dureza que me motivou a nomeá-la de linguagem-pedra, dado o grau de resistência, de impossibilidade que transmite”. Rosana Bines (2004, p. 202) declara que em Rawet, “a palavra soa como grito e como grito nos compele a uma espécie de escuta forçada a ferro e fogo”. Seus contos são atravessados pela polifonia, isto é, o cruzamento de vozes narrativas, além da alternância dos fluxos de pensamentos do personagem e do narrador. Bines (2004, p. 210) diz ainda que “a linguagem rawetiana jamais perde de vista o horizonte de suas raízes e das pertencas, ainda que se faça presente apenas em negativo, sob o signo da impossibilidade”. A literatura de Rawet carrega um sentido de urgência quando vai de encontro à vida, com seus chamamentos e exigências, “aos quais o escritor jamais deixou de emprestar sua voz contundente” (BINES, 2004, p. 211). Rawet transfigura em sua linguagem as múltiplas formas do falar, utilizando sua estratégia narrativa para não pertencer a qualquer lugar-comum, tal como amparar sua prosa “entre” culturas e línguas.

O ESTRANGEIRO: UMA CONDIÇÃO EXISTENCIAL

Nos *Contos do imigrante*, um narrador em terceira pessoa dirige a cena literária e assume a palavra, ao mesmo tempo que os protagonistas permanecem em silêncio, armando-se assim “um emaranhado de relações cujos sentidos têm que ser buscados no jogo entre o contar e o calar” (WALDMAN, 2003, p. 71). O presente estudo objetiva apresentar a perspectiva da inadaptação do estrangeiro no conto “O Profeta”, presente na obra *Contos do imigrante* (1956). O autor declara sobre a tônica de sua obra: “Olha, o que sempre me preocupou foram figuras em conflito. Acho que a temática principal dos meus livros poderia ser essa” (RAWET, 1971, p. 1). Em sua prosa, a condição do estrangeiro extrapola o sentido estritamente geográfico, pois, segundo Rawet, “o conflito poderia se despertar entre quaisquer indivíduos, os da mesma, nação, etnia, ou família” (VIEIRA, 2008, p. 491).

No primeiro conto, “O Profeta”, o protagonista é um imigrante judeu, sobrevivente dos campos de extermínio, recém-chegado ao Brasil, onde é recebido por sua família. No entanto, não consegue estabelecer uma comunicação eficiente por não dominar o idioma local. Após um ano de convivência, percebe que o processo de rejeição estava sendo praticado pelo círculo social que aparentemente deveria ser fonte de afeto e acolhimento. O protagonista consegue algum tipo de interação apenas com o sobrinho-neto, que se chama originalmente Pinkos, mas fora batizado como Paulo. Ao concluir seu total não pertencimento ao local, ele decide retornar, em busca de companhias semelhantes.

Berta Waldman (2003, p. 72) declara que em Rawet chama a atenção o uso de “um amplo vocabulário, a obsessiva preocupação com a palavra precisa, a capacidade de dotar a linguagem de notações plásticas”. Sendo que o conjunto assinala a franca superação da barreira linguística que aquele que veio de fora teve que enfrentar, contudo essa construção só se faz sobre uma linguagem que suprime. No conto, o protagonista desconhece o idioma local, dado que fala apenas o ídiche. É necessário lembrar que o ídiche era considerado idioma inculto e por isso rejeitado pelos judeus assimilados. Logo, o personagem é marcado desde a sua língua materna pelo cunho excludente, uma vez que mesmo entre os judeus o ídiche era repellido.

O papel da linguagem no processo de exclusão social é notado em várias passagens do conto. Em um trecho marcante, o protagonista percebe que o epíteto dado a ele tinha um significado depreciativo: “– Aí vem o ‘Profeta!’” (RAWET, 1990, p. 26). Começa então a perceber o riso moleque, o olhar irônico que acompanhava a alcunha. Compreendeu que para aquelas pessoas tornara-se a personificação de um estereótipo do judeu, com seu capotão negro e a barba branca. Stuart Hall (2016, p. 191) aponta que “a *estereotipagem* reduz, essencializa, naturaliza e fixa a ‘diferença’”. Ela implanta uma estratégia de “cisão”, que divide o normal e aceitável do anormal e inaceitável. Em seguida, exclui ou expelle tudo o que não cabe, o que é diferente. Para Hall (2016, p. 192), a *estereotipagem* estabelece uma fronteira simbólica entre o “pertencente” e o que não pertence ou é o “Outro”, entre “pessoas de dentro” (*insiders*) e “forasteiros” (*outsiders*), entre nós e eles.

O protagonista do conto é uma figura em conflito, assim como outros personagens de Rawet, vive sob o signo da inadaptação. Eugène Enriquez (1998, p. 38) evidencia que “a confrontação com o si mesmo nos revela progressivamente os abismos que nos habitam”. Sigmund Freud, em seu conhecido ensaio *Das Unheimlich* (o estranho), analisou extensivamente o termo. O estranho é “tudo o que deveria permanecer secreto, oculto, mas apareceu” (FREUD, 2010, p. 254). Por conseguinte, o sentimento do estranho está vinculado ao que foi reprimido, nas sombras, pois o encontro consigo mesmo é onde se esconde a própria estranheza. Portanto, o que era familiar torna-se estrangeiro devido ao recalçamento a que foi submetido.

O estrangeiro carrega a marca do não pertencimento, podemos perceber essa marca no protagonista em sua total inadaptação à família. Sobre o estrangeiro, Julia Kristeva (1994, p. 15) diz:

Não pertencer a nenhum lugar, nenhum tempo, nenhum amor. A origem perdida, o enraizamento impossível, a memória imergente, o presente em suspenso. O espaço do estrangeiro é um trem em marcha, um avião em pleno ar, a própria transição que exclui parada. Pontos de referência, nada mais.

A ideia apresentada por Kristeva aborda a impossibilidade que rege aquele que está em desajuste. O enraizamento é utópico, pois a solidão do estrangeiro não encontra refúgio. A inadequação ao grupo familiar se apresenta de forma clara no trecho do

conto: “a sensação de que o mundo deles era bem outro, de que não participaram em nada do que fora (para ele) a noite horrível, ia se transformando lentamente em objeto consciente” (RAWET, 1990, p. 26). A sensação de ser uma “peça extra”, de não fazer parte daquele meio, algo que Georg Simmel (2005, p. 266) explicita ao dizer que “o estrangeiro penetra, até certo ponto, como um extra em um círculo determinado”. O estrangeiro é estranho ao grupo, mesmo que o indivíduo “seja um membro orgânico do grupo, cuja vida uniforme compreenda todos os condicionamentos particulares deste social, é considerado e visto como um não pertencente” (SIMMEL, 2005, p. 271).

A questão da identidade tem sido debatida por pesquisadores, pois notam no indivíduo moderno uma fragmentação. Stuart Hall é um pesquisador voltado para as mudanças que esse fato tem proporcionado nas sociedades de forma geral. Hall (2014, p. 12) afirma que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente”. Logo, para Hall o sujeito pós-moderno é fruto das transformações estruturais e institucionais, que produz uma identidade não fixa muito menos permanente, em alguns momentos contraditória ou não resolvida.

As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito (lugar de fala) que as práticas discursivas constroem para nós. Hall (2014, p. 12) esclarece que uma identidade “plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”, portanto a identidade é, para o sujeito discursivo, plural e fragmentada, própria de deslocamentos e ao caráter heterogêneo de constituição de sujeito, que está sempre em construção. Ou seja, o estrangeiro é pensado em sua condição paradoxal, o eu dividido, discordante, diferente de si mesmo. O eu na verdade é sua divisão, e não síntese. Esse estrangeiro que, desde sempre, vive em nossa casa, é o que há de mais familiar, de mais estranho, de mais exterior e de mais íntimo.

O estrangeiro seria o filho de um pai cuja existência não deixa dúvida alguma, mas cuja presença não o detém. O sentimento de solidão entre seus entes torna-se evidente quando diz: “um mundo só. Supunha encontrar alguém-mar o conforto dos que como ele havia sofrido, mas que o acaso pusera, marginalmente, a salvo do pior. E conscientes disso partilhariam com ele em humildade o encontro. Vislumbrou, porém, um ligeiro engano” (RAWET, 1990, p. 25). Orgulhoso, agarra-se altivamente ao que lhe falta, à ausência, a qualquer símbolo. Julia Kristeva (2004, p. 13) afirma que o

estrangeiro é um órfão de mãe: “adepto da solidão, incluindo a que se sente no meio das multidões, ele é fiel a uma sombra: um segredo mágico, um ideal paterno, uma ambição inacessível”. Para a autora, o exilado é estranho à própria mãe, ele não a chama, nada lhe pede.

A palavra do estrangeiro é nula, segundo Kristeva. No conto, o protagonista não teve outra opção que não fosse calar, emudecer, pois sua palavra era inútil. Sentia o desconforto total ao tentar relatar o que vivera: “deduziu que seus silêncios eram constrangedores. Os silêncios que se sucediam ao questionário sobre si mesmo, sobre o que de mais terrível experimentara” (RAWET, 1990, p. 25). No conhecido ensaio “O narrador”, Walter Benjamin (2012, p. 217) declara: “o conselho tecido na substância da vida vivida tem um nome: sabedoria” seria essa então a fonte do narrador, suas experiências. Contudo, Benjamin (2012, p. 214) destaca também o retorno dos soldados ao final da Primeira Guerra Mundial: “não se notou que, ao final da guerra, que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha; não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável?”.

O autor conclui a falência de se contar histórias como antigamente devido à incapacidade do indivíduo na sociedade capitalista moderna de trocar experiências no sentido pleno. Chiarelli (2007, p. 136) alega que na prosa rawetiana “está presente a reflexão a respeito do próprio ato de narrar, da insuficiência da linguagem frente à experiência vivida”. Destarte, no conto, apenas um personagem estabelece um escasso diálogo com o protagonista: o sobrinho-neto Paulo, originalmente batizado como Pinkos, fato que denota a dupla vinculação do estrangeiro. Ele, que é o único indivíduo nomeado no conto, fornece através da linguagem corporal, algum tipo de interação com o protagonista.

A palavra do profeta é silenciada dentro do ambiente familiar, espaço que é usualmente associado ao acolhimento e amparo. Profeta é aquele que prevê o futuro, porém na narrativa o personagem que recebe o epíteto, só tem a dizer sobre o que experienciara, e ninguém se sente confortável ao ouvi-lo falar sobre seu passado. Para Walter Benjamin, o narrador é aquele que divide a sua sabedoria, já no conto ocorre a impossibilidade de compartilhar histórias. Assim, o mutismo do protagonista é a falência da capacidade de transmitir essa experiência de desagregação do imigrante.

Como exprimir em palavras o que lhe acontecera? Como não banalizar o trauma sofrido? Para o estrangeiro o silêncio não lhe é somente imposto, ele está em você: “recusa de dizer, sono preso a uma angústia que quer permanecer muda, propriedade privada de sua discrição orgulhosa e mortificada - luz cortante, esse silêncio. [...] Nada a dizer, nada é para ser dito, nada é dizível” (KRISTEVA, 1994, p. 24). Qual a opção resta ao protagonista? O mutismo: “Calou. E mais que isso, emudeceu. Poucas vezes lhe ouviram a palavra, e não repararam que se ia colocando numa situação marginal” (RAWET, 1990, p. 28). Silêncio esse do e sobre o personagem, que não é nomeado, cuja voz quase nunca é escutada. “Entre duas línguas, o seu elemento é o silêncio. [...] Quem o escuta? No máximo, toleram você. Aliás, você quer realmente falar?” (KRISTEVA, 1994, p. 23) A ideia de tolerância remete ao fato do protagonista despertar certo incômodo em sua família, de sentir-se marginal àquele grupo. Dessa forma, o silêncio do estrangeiro é o reflexo mais presumível frente a toda essa inquietação.

Para Edward Said (2003), o exílio é uma condição de perda terminal. O exílio jamais se configura como o estado de estar satisfeito, plácido ou seguro. Said (2003, p. 60) explicita que “o exílio é a vida levada fora da ordem habitual. É nômade, descentrada, contrapontística, mas, assim que nos acostumamos a ela, sua força destabilizadora entra em erupção novamente”. E logo adiante da fronteira entre “nós” e “os outros” está o perigoso território do não-pertencer, do entre-lugar, “para o qual, em tempos primitivos, as pessoas eram banidas e onde, na era moderna, imensos agregados de humanidade permanecem como refugiados e pessoas deslocadas” (SAID, 2003, p. 50).

O estrangeiro está separado de suas raízes, da terra natal, do passado, portanto o exilado sente a necessidade de reconstituir sua vida rompida. Ao falar de sua experiência como estrangeiro, Tzvetan Todorov (1999, p. 19) confessa: “minha dupla vinculação produzia apenas um resultado: aos meus próprios olhos, ela surpreendia pela inautenticidade cada um de meus dois discursos, já que cada um podia apenas corresponder à metade do meu ser, ou então eu era um duplo”. A dupla vinculação do estrangeiro é justamente pertencer tanto ao local de origem, quanto ao local de acolhida, e também não se sentir pertencente a nenhum dos dois locais. Pois, “o exílio é uma solidão vivida fora do grupo: a privação sentida por não estar com os outros na

habitação comunal. [...] O exílio, ao contrário do nacionalismo, é fundamentalmente um estado de ser descontínuo” (SAID, 2003, p. 50).

A incomunicabilidade do protagonista do conto o deixou em uma situação marginal. Alheio a tudo que acontecia, sofre o processo de exclusão pela incapacidade de comunicar-se com sua família, assim ficando cada vez mais afastado, mais solitário. Seu “ligeiro engano” tornou-se intransponível: “o mar trazia lembranças tristes e lançava incógnitas. Solidão sobre solidão. Interrogava-se, às vezes, sobre sua capacidade de resistir a um meio que não era mais o seu” (RAWET, 1990, p. 28). Logo, um pensamento era recorrente: retornar.

Pensava em ir embora pelo mesmo motivo que chegara, em busca de pertencer, de ser parte de algo. A ideia do retorno é colocada em prática. O protagonista, sem despedidas, sai pela porta da frente e diz que vai em busca de semelhantes: “Regresso. [...] Ia apenas em busca da companhia de semelhantes, semelhantes sim. Talvez do fim” (RAWET, 1990, p. 30). A busca por semelhantes é a tentativa de se reintegrar a algo que lhe confira uma identidade e o sentimento de pertencimento, algo talvez inatingível. Sobre essa impossibilidade do encontro de semelhantes, Kristeva (1994, p. 20) destaca que esse “este é o seu paradoxo: o estrangeiro quer ser sozinho, porém cercado de cúmplices. No entanto, nenhum cúmplice está apto a se associar a ele no espaço tórrido de sua unicidade”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ano de 1956 ficou marcado nas letras nacionais pela publicação de *Contos do imigrante*. A obra inaugural de Samuel Rawet foi a primeira a dar ao estrangeiro a amplitude no cenário literário nacional. A sua primazia apresenta-se acompanhada da ruptura do conto tradicional. Estabeleceu-se entre os melhores expoentes do tema pela forma expressiva e atual que apresentou o imigrante judeu em sua ficção, mais precisamente no conto “O Profeta”. Rawet extrapola o tema da imigração e, ao trazer a ideia do estrangeiro que habita em cada pessoa, eleva a reflexão para o estrangeiro e sua angústia ancestral. Ele emerge o estrangeiro que habita em nós, aquele que Julia Kristeva (1994, p. 9) afirma ser “a face oculta da nossa identidade”.

Todo o encontro com o outro é semeado de obstáculos. Para Eugène Enriquez (1998, p. 37), “o laço social se apresenta, desde o início, como um laço trágico”. Ele obriga a perceber que os outros existem não como objeto para a satisfação pessoal, mas como donos de seus desejos e atos. Eugène Enriquez afirma que a razão pela qual as sociedades sempre trataram muito mal a questão da alteridade é que: tentaram identificar os indivíduos, e classificá-los, e fazendo-o, na maior parte do tempo, não chegaram senão a distinguir “os de dentro” e “os de fora” (quer se trate da nação, da classe, da etnia, da raça, da região, da comunidade).

Estranhamente, o estrangeiro habita em nós: ele é a face oculta da nossa identidade, o espaço que arruina a nossa morada, o tempo em que se afundam o entendimento e a simpatia. Por reconhecê-lo em nós, poupamo-nos de ter que detestá-lo em si mesmo. Sintoma que torna o ‘nós’ precisamente emblemático, talvez impossível, o estrangeiro começa quando surge a consciência de minha diferença e termina quando nos reconhecemos todos estrangeiros, rebeldes aos vínculos e às comunidades (KRISTEVA, 1994, p. 9).

“Há sempre em nós um duplo” (ENRIQUEZ, 1998, p. 39), reconhecer sua própria estranheza é encontrar a si mesmo com surpresa, é também encontrar os outros, na medida em que fazem parte de nós mesmos, e dialogar com seres sempre desconcertantes. A perspectiva do estrangeiro como condição existencial é intrínseca à obra rawetiana, todos temos o duplo, o estranho, o estrangeiro dentro de nós. Portanto, o estrangeiro é o outro que somos nós.

Referências

ADORNO, Theodor. *Minima Moralia: reflexões a partir da vida lesada* (Trad. Gabriel Cohn). Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Estranhos à nossa porta* (Trad. Carlos Alberto Medeiros). Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura* (Trad. Sérgio Paulo Rouanet). 8 ed., vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BINES, Rosana Kohl. *Experiência cultural judaica no Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.

BRASIL, Assis. “Samuel Rawet, um marco literário”. SANTOS, Francisco Venceslau dos (Org.). In: *Samuel Rawet: fortuna crítica em jornais e revistas*. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2008.

CHIARELLI, Stefania. *Vidas em trânsito: as ficções de Samuel Rawet e Milton Hatoum*. São Paulo: Annablume, 2007.

CUNHA, Fausto. “Orelha da 1. ed. de *Contos do imigrante*”. SANTOS, Francisco Venceslau dos (Org.). In: *Samuel Rawet: fortuna crítica em jornais e revistas*. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2008.

ENRIQUEZ, Eugène. “O judeu como figura paradigmática do estrangeiro”. KOLTAL, Caterina (Org.). In: *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta, FAPESP, 1998.

FREUD, Sigmund. *História de uma neurose infantil: (“O homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GOMES, Danilo. *Escritores brasileiros ao vivo vol. 1*. Belo Horizonte, Ed. Comunicação: Brasília, 1979.

GUINSBURG, Jacó. “Os imigrantes de Samuel Rawet”. SANTOS, Francisco Venceslau dos (Org.). In: *Samuel Rawet: fortuna crítica em jornais e revistas*. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2008.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade* (Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro). Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

_____. *Cultura e representação*. (Trad. Daniel Miranda e William Oliveira). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

KIRSCHBAUM, Saul. *Samuel Rawet, profeta da alteridade*. Dissertação (Mestrado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2000.

_____. *Samuel Rawet – Ensaio reunidos*. Brasília: LGE, 2007.

_____. “Repensar a singularidade da literatura judaico-brasileira?”. SANTOS, Francisco Venceslau dos (Org.). In: *Samuel Rawet: fortuna crítica em jornais e revistas*. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2008.

KRISTEVA, Júlia. *Estrangeiros para nós mesmos* (Trad. Maria Carlota C. Gomes). Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

RAWET, Samuel. *Contos do imigrante*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1990.

_____. “A necessidade de escrever contos”. In: CONDE, Ronaldo. *Correio da Manhã/Caderno Anexo*. Rio de Janeiro, Ano LXXI, n. 24.128, 07/12/1971, p.1.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios* (Trad. Pedro Maia Soares). São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SIMMEL, Georg. “O estrangeiro” (Trad. Mauro Guilherme Pinheiro Koury). *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, n. 12, vol. 4, 2005, p. 265 - 271.

SOUZA, Neuza Santos. “O estrangeiro: nossa condição”. KOLTAI, Caterina (Org.). In: *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta, FAPESP, 1998.

TODOROV, Tzvetan. *O homem desenraizado*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

VIEIRA, Nelson. “Ser judeu e escritor – três casos brasileiros...”. SANTOS, Francisco Venceslau dos (Org.). In: *Samuel Rawet: fortuna crítica em jornais e revistas*. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2008.

WALDMAN, Berta. *Entre passos e rastros: presença judaica na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Perspectivas, 2003.